



passagens por Itatiaia, o artista retratou Dora, filha dos arrendatários do hotel, então menina.



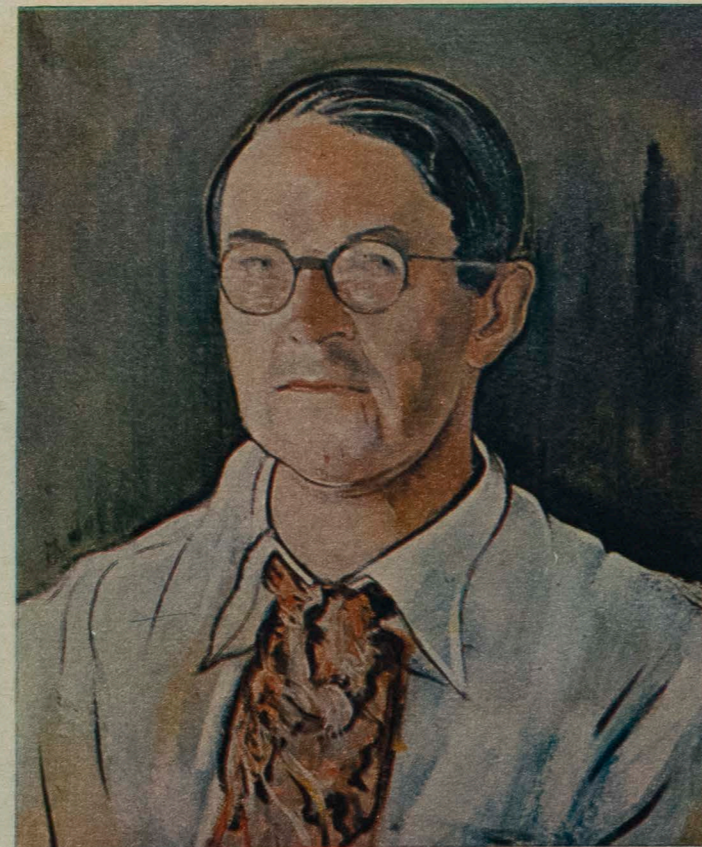
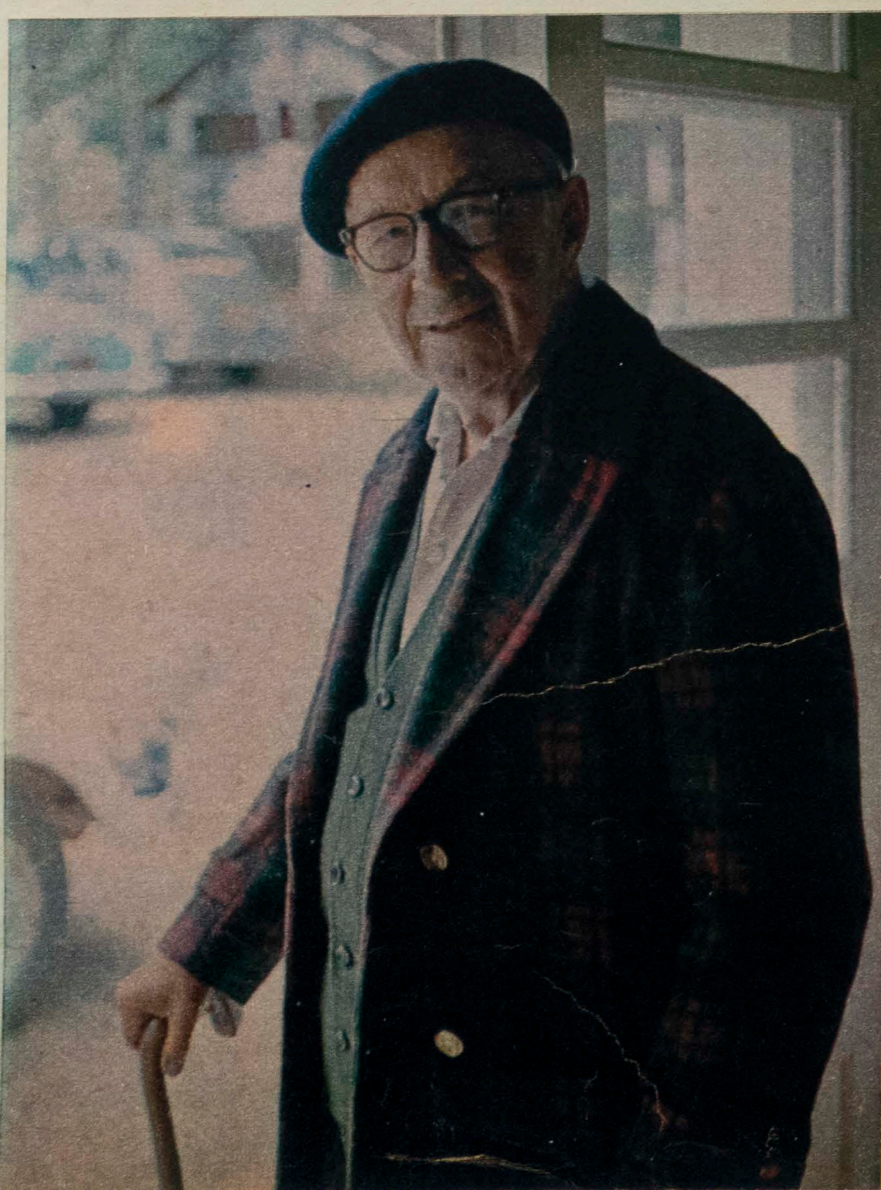
O retrato de Linda, por Guignard, vale hoje uma fortuna.



cabana foi decorada por Guignard, do mesmo modo que a janela ao lado (vidro e madeira).



Em momento difícil de sua já atribulada existência, Guignard encontrou um acolhedor refúgio em Itatiaia e retribuiu a boa hospitalidade com os tesouros de sua arte



Paisagem de Ouro Preto, pintada de memória por Guignard em Itatiaia e pertencente à coleção do Hotel Repouso Donati. À direita: flôres das Agulhas Negras e do Parque Nacional de Itatiaia, dispostas num jarro e também pintadas por Guignard.

O retrato do proprietário do Hotel Repouso, Robert Donati, foi pintado há 26 anos, na primeira temporada de Alberto da Veiga Guignard em Itatiaia. Aqui está o retratado, tal como é hoje, para confronto com o trabalho do artista.



(beleza  
se  
põe  
na mesa)



E com mais facilidade do que você imagina! - É o colorido... a fascinante padronagem, a qualidade dos tecidos, que tornam as guarnições de mesa Karsten preferidas pela maioria das noivas e donas de casa de bom gosto! - Justamente aquelas que, como nós, acham que beleza se põe na mesa! - Escolha nas boas casas do ramo, as guarnições de mesa Karsten do seu agrado (todas são encantadoras, mas respeitamos sua opinião).

KARSTEN É QUALIDADE... É BELEZA!



companhia textil karsten

CAIXA POSTAL, 9 - BLUMENAU - SANTA CATARINA

Em extrema pobreza, o pintor Guignard só deixou Itatiaia quando o Museu de Arte Moderna adquiriu um de seus melhores quadros



Numa porta rústica, Guignard pintou primos que impressionam pela forma e colorido.

Por volta de 1940, tanguido pelas dificuldades financeiras, que representavam, para ele, um estado mais ou menos crônico, Guignard se refugiou pela primeira vez em Itatiaia. Aí permaneceu quatro meses, durante os quais vendeu alguns trabalhos a veranistas. E era em telas que ele retribuía a hospedagem que lhe fora concedida, a título gratuito. Foi no Hotel de Repouso Donati que ele recebeu com emoção a notícia de que sua *Noite de São João* acabava de ser adquirida pelo Museu de Arte Moderna, de Nova Iorque. Com os dólares recebidos, Guignard regularizou, temporariamente, a combalida situação financeira e pôde regressar ao Rio. Permaneceu, porém, fiel a Itatiaia. Nunca mais ali fez temporadas tão longas como a primeira, mas era no pequeno hotel que passava a noite de Natal. Pintava ingênuas alegorias nos cardápios da ceia, distribuindo-os pelas mesas. Imbuído do espírito da grande festa cristã, transfigurava os pratos, batizando-os com nomes assim: *Sopa dos Reis Magos*, *Arroz do Menino-Deus*, etc. E colocava embaixo um convite a todos para que, depois, comparecessem à Missa do Galo, na Gruta do Cristo. Os arrendatários do hotel guardam ainda alguns desses cartões, que nem todos os hóspedes sabiam apreciar e preservar.

Todo o pessoal do hotel se lembra de Alberto da Veiga Guignard como "um homem extremamente fino, de trato agradável, insaciável bebedor de cerveja e feroz devorador de sobremesas". Se alguém, às refeições, recusava a sua, ele se apresentava como voluntário, para comê-la quase sem mastigar. Conversando, gesticulava muito, por acreditar que assim se fazia entender, melhorando a elocução defeituosa, causada pelo lábio leporino. Gabava-se de um recurso excelente para sair de aperturas financeiras graves:

— Quando estou sem dinheiro al-

gum, pinto um Santo Antônio e vendo barato. É infalível: há sempre moças solteiras dispostas a comprar...

O excesso de cerveja, os bons ares e a comida abundante começaram a engordá-lo. Resolveu então caminhar, para reduzir o peso. Começou logo programando dez quilômetros serra abaixo e outros dez serra acima. Na volta, extenuado, com o corpo dolorido e os pés inchados queixava-se:

— O que perdi em cima, ganhei embaixo.

Gostava de dançar valsas, tontando os pares com seus furiosos rodopios. Muito respeitoso com as moças e senhoras, detestava anedotas picantes. Itatiaia, no tempo em que ali esteve, ainda não apresentava o intenso movimento de hoje. Poucos hóspedes tinha o pequeno hotel, na sua maioria velhos conhecidos, que iam para férias mais ou menos demoradas. Raros os que ali apareciam apenas para o fim-de-semana. O ambiente era calmo e repousante. Ali Guignard encontrava grande paz e uma relativa solidão, cuja monotonia quebrava exercitando os seus pendores artísticos em portas, janelas, armários e telas. Os quadros que deixou no Hotel Repouso Donati valem, hoje, uma fortuna. Duas dessas telas mostram uma pedra que é conhecida como a do Último Adeus, de onde se avista um recanto do vale do Paraíba. Vale que, aliás, foi um motivo muito explorado por Guignard. Na verdade, o hotelzinho montanhês é hoje um pequeno e curioso Museu Guignard.

As telas eram mais numerosas. Algumas desapareceram misteriosamente. Foram, talvez, incorporados à bagagem de alguns hóspedes de bom-gosto e mau caráter. Das que restam, quatro pertencem à jovem Dona Andrade, filha dos arrendatários do hotel, cujo retrato Guignard pintou quando ela era ainda criança. Dos que restam, um dos mais belos mostra flores colhidas nas Agulhas Negras e nos jardins do Parque de Ita-

Motivos ingênuos e românticos documentam a passagem do artista pelo hotelzinho.



tiaia, arranjadas num vaso de louça. O próprio pintor fabricou a moldura dessa tela, que alegria um canto de sala. Antes de pintá-la, Guignard fez o seu esboço, na fôlha de uma porta. Esboço infelizmente prejudicado pela cor muito viva da madeira. Diz-se que Guignard pintou também os três filhos de um caboclo nordestino que estava com a família em Itatiaia e que hoje trabalha numa fazenda para os lados de Bananal. O pintor teria dado as telas ao caboclo, que as levou para o seu casebre, à margem da antiga estrada Rio-São Paulo. Há rumores de que os retratos escureceram, por ficarem expostos à fumaça, e que um deles, esfregado com sabão, estaria esburacado. Outro teria sido rasgado por uma pedrada.

O que Guignard pintou nas portas e janelas do pequeno hotel corre o risco de se perder, por falta de conservação adequada. Além de flores e corações, pintados em grande quantidade, Guignard compôs também frases neste estilo: *Amar é viver, Saúde e felicidade, Não esquecer que neste andar tem companheiros a descansar*. Numa das portas do re-



Flôres pintadas numa porta vermelha, vendose, bem marcada, a divisão das tábuas.

feitório, profusamente ornamentado, há dois corações marcados por um M, inicial do arrendatário do hotel e de sua esposa — Marina e Mamede de Andrade. Num pequeno e antigo chalé, a Casa das Rosas, que estava precisado de pintura, os rabiscos de um artista anônimo local encobriram os traços e as cores originais de Guignard. Há ainda pinturas do mestre numa pequena casa de madeira, onde é guardado o piano do dono do hotel, Robert Donati, que em outros tempos foi concertista. Nela estão as pinturas mais bonitas, cobrindo até os vidros das janelas. Mas tudo aí dá uma impressão de efemeridade, tão frágil é o material de que foi feito. Já está sendo comida pelo caruncho, como se verificou, ao ser aberta, para ser fotografada por dentro. No seu interior, junto a uma das decorações de Guignard, instalou-se uma caixa de marimbondos. Uma janela, partida, foi consertada por uma tábua nua. E um arbusto, que se insinuou nos interstícios do assoalho, está crescendo ameaçadoramente...



Corredor do hotel, decorado pelo pincel privilegiado de Guignard, o artista boêmio que gostava do recolhimento e da solidão, mas distribuía pródigoamente a sua arte com as pessoas que amava.